

Teófilo Teles Pereira de Arvelos¹

Esta peça, escrita para um público adulto, gira em torno das semelhanças e das diferenças entre os seres humanos e os ratos. Embora seja encenada por apenas três atores, estão envolvidos múltiplos personagens. É por vezes difícil dizer quem fala, dada a fluidez entre personagem-personagem e personagem-ator. Chá, Cerveja e Café, três ratos letrados, conduzem a trama. Suas falas são, não raro, inescrupulosas e preconceituosas. Mordacidade, humor e metalinguagem se sobressaem. Há pouco movimento, conferindo à peça uma forma quase estática.

Os humanos e nós

Observação: Os atores desta peça deverão ser homens brancos, vestindo roupas brancas.

É noite. Há um palco em que, no centro, está uma mesa retangular de madeira com três cadeiras pomposas. O lado sem cadeira é o mais próximo do público. Sobre a mesa sem qualquer forro, há um queijo pela metade, e uma grande faca nele cravada verticalmente; também se veem três garrafas de vidro: uma de vinho, outra de cerveja e outra de cachaça. Dois copos americanos e uma taça também estão ali, com suas bocas para baixo.

Três ratos brancos saem da coxia esquerda e, alinhados no canto esquerdo do palco, exibem semblantes alegres, exceto um: o de Café.

CHÁ (*no centro dos três*): Boa noite a todas e a todos! Espero que se encontrem, na medida do possível, bem. É com muita alegria que, nesta ocasião, apresentamos o espetáculo intitulado *Os humanos e nós!* É um trabalho dramático, escrito por mim, Chá, por este companheiro à minha direita, Cerveja, e por nosso falecido companheiro Café, aqui

¹ Mineiro de Patos de Minas, é autor dos livros *Parnaso*, *Lágrima* e *Poesia à beira d'água*. Atualmente, reside em Campinas (SP), onde estuda Geografia na Unicamp. E-mail: teofiloarvelos@gmail.com.

representado pelo companheiro à minha esquerda, cujo nome de ator preferiu, humildemente, não revelar.

CAFÉ: Os senhores podem me chamar de Café.

CHÁ (*corrigindo-o*): Os senhores e as senhoras.

CERVEJA: Com esta peça, queremos escancarar ao público algo sobre o qual os humanos não costumam dissertar...

CHÁ: Quando Cerveja se refere aos humanos, quer dizer os letrados, como nós.

CERVEJA: Poucos humanos estudam ratos. De fato, não passam de uns animais sujos, intrometidos, esquivos, oportunistas e transmissores de doenças, os humanos.

CAFÉ: Se não o fossem, estudar-nos-iam mais.

CHÁ: Sim, companheiro Café. Mas não sejamos racistas, isto é, não achemos que nossa raça é superior à humana. Sabes bem ao que leva o racismo!

CERVEJA: Porventura, há algum ser humano na plateia? Trata de verificar, Chá.

CHÁ (*observando bem*): Alvíssaras! Não há humanos na plateia. Há tão somente ratos, como nós.

CAFÉ: Que bom.

CHÁ: Café, faz-nos a gentileza de trazer o sorteador.

Café, até agora sem qualquer expressão de contentamento, traz da coxia esquerda uma pequena caixa amarela sem tampa.

CHÁ: Senhoras e senhores, dentro desta caixa há nossos nomes. Quer dizer, Café não se chama verdadeiramente Café; todavia, a partir de agora, somos apenas personagens.

CERVEJA: Que cada um de nós tire da caixa um papel, como se fosse um amigo-oculto, brincadeira da qual os humanos usam participar na época natalina, uma vez que é muito apetecível, para essa espécie, espalhar características alheias em público, e para o público.

Os ratos dividem os nomes e cada um lê, mentalmente, o que tirou.

CHÁ: Eu começo!

Café devolve a caixa à coxia, e senta-se com Cerveja nas cadeiras laterais da mesa; Cerveja à esquerda do público.

CHÁ (*dramático*): Estou desempregado. Não sou rato sofisticado como Chá, que trabalha meio período na roda. Sou, na verdade, rato preguiçoso, que vive tão somente a comer e a beber. Por isso, sou gordo. Meu dono é um idiota gritalhão e beberrão, que pensa entender algo de política, quando, na verdade, é um ignóbil.

CAFÉ (*sentado*): É o Cerveja.

CERVEJA (*descontente, levantando-se*): Sai daí, Chá, pois é minha vez de interpretar.

Chá, com expressão de deboche, senta-se na cadeira do meio e abre a garrafa de vinho, servindo-se com a taça e sem oferecê-la a Café.

CERVEJA: Acho-me o mais genial de todos os ratos, mas finjo ser humilde. Minha dona é uma feminista radical, que entende nada de política, ou do ser feminino. É mais ratazana que minha mãe, ela. E fico girando na roda sem parar, como se fosse inteligente correr em círculos.

CHÁ (*aterrorizado*): Quantas injúrias! Quantas difamações! Quanta deselegância vinda de um companheiro traidor! Continuas meu companheiro, Cerveja? Já não mais sei, depois dessa calamidade que acabaste de proferir. Oh, consola-me, Café!

Chá olha o companheiro Café que, pela primeira vez, está a sorrir.

CAFÉ (*momentaneamente contente*): Ora, é minha vez. Mas já sabeis que nome eu tirei, pois é o único que resta. Sim, o Café saiu com o Café!

CHÁ: Estimado companheiro, tens de ser a pessoa que tiraste o nome, usar a primeira pessoa!

CERVEJA: Mas como ele poderia ser ele mesmo, Chá? Ninguém consegue ser o que se é. Nem humanos, nem ratos. É mais fácil ser outro do que ser o próprio ser.

CHÁ: Isso é certo, mas ele apenas terá de fingir-se, mascarar-se; não somos todos atores aqui, interpretando nós mesmos? “Representar é preciso. Viver não é preciso.” Na verdade, eu já me equivocava: Café não é Café, o verdadeiro Café, o nosso Café, o finado Café... Mas, por esse mesmo motivo, será ainda mais fácil o seu fingimento.

Café entristece-se pela discussão dos companheiros e, de cabeça baixa, volta a sentar-se.

CHÁ: Sirvamo-nos deste queijo e destas bebidas! E façamos um brinde à vida!

Grosseiramente, Chá enche de vinho a taça até que esta transborde um pouco; Cerveja serve-se de cerveja; Café, ainda deprimido, serve-se de cachaça.

CERVEJA: Chá, a ideia de amigo-oculto foi boa, mas, sempre nessa brincadeira, os humanos se presenteiam com alguma coisa. Não deveríamos nós ter feito o mesmo?

CHÁ: Fui presenteado com discórdias.

CAFÉ (*descontente*): Ah, o que fizemos não passou de um jogo teatral.

CHÁ: Café! Não digas isso, Café! Isso não está no roteiro! No roteiro estão os seguintes passos: tirar os nomes predefinidos, interpretar os ratos preestabelecidos e empanturrarmo-nos à mesa! Acaso não te lembras?

CERVEJA: Isso é verdade. Já estava decidido: Chá sairia comigo, eu sairia com Chá, e tu, Café... sairias contigo.

CAFÉ (*irritado*): Mas por que eu deveria sair comigo?

Chá e Cerveja entreolham-se, atrapalhados.

CHÁ (*inventando alguma escusa*): Ora, Café... Tu sempre sobras sozinho. Não foi por esse mesmo motivo que te suicidaste: por te sentires sozinho? E por racismo, é verdade. Mas cada ator há de interpretar seu respectivo personagem. E já somos apenas personagens, agora.

CAFÉ: Certo. Perdoai-me. Não vejo a hora de interpretarmos os humanos.

Cerveja levanta-se e dirige-se ao público.

CERVEJA: Lamentamos não podermos oferecer bebidas a vós todos. Os ratos, e também os humanos, gostam de álcool e, vendo alguém beber sem poderem participar, padecem de vontade imensa... Bem, falaremos, agora, um pouco sobre nossos donos. Assim, como nos é mais desejável, fingiremos ser humanos. A partir de agora, nós três somos gente!

CAFÉ (*levantando-se*): Sim. Todavia, é necessário deixar claro: somos atores em cena, e por esse motivo é que podemos trocar de casta. Vós, público rato, não podeis agora virar plateia humana, nem mesmo os ratos atores que porventura aí estiverem.

CHÁ (*levantando-se*): Exatamente. Respeitai nosso trabalho. Ou acaso estamos num espetáculo de Teatro do Oprimido?

Os três humanos se sentam e se servem de queijo e de bebida. Nas falas seguintes, em nada se alteram as vozes ou quaisquer características visuais dos atores.

MARCELA (*interpretada por Chá, após se levantar sutilmente de sua cadeira, dirigindo-se ao público*): Gostaríamos de comparar nós, os humanos, a vós, os ratos.

BRUNO (*interpretado por Cerveja, sem se levantar*): Houve, anteriormente, uma demorada discussão entre nós se deveríamos começar esta peça pelo fim ou pelo começo. Como sabeis, não faltam exemplos de bons filmes e livros cujo capítulo inicial é, na verdade, sobre o acontecimento mais recente, e a trama progride rumo ao passado. Isso ocorre em ficção e em não ficção, bem como na chamada "história humana". Mas vós sabeis que não somos fictícios. Como poderíamos ser simples ficção, se vos falamos e nos ouvís?

IGOR (*interpretado por Café, sem se levantar*): Não obstante, usamos vias fictícias para dizer o que é real.

BRUNO : Após uma longa discussão, decidimos começar pelo começo.

MARCELA (*sentando-se*): O motivo foi pragmático: se começássemos pelo fim, o rato Café sairia logo de cena, o que não seria conveniente.

Tempo de silêncio. Sincronicamente, por um momento, os humanos abaixam suas cabeças, levantando-as, também, ao mesmo tempo.

MARCELA (*sentada*): Nossa fastidiosa discussão, na verdade, prosseguiu. O que seria o começo? Deveríamos principiar falando do início da civilização dos seres humanos ou do início da civilização dos ratos?

BRUNO: Decidimos começar por nós três, humanos. Mas, ainda assim, houve controvérsias. Quando começamos a sermos? No nascimento ou na concepção? Ou, quem sabe, até mesmo antes disso...?

MARCELA: A fim de evitarmos ainda mais controvérsias, decidimos começar nem pelo começo, nem pelo fim, senão pela metade...

IGOR: A partir do surgimento da nossa primeira memória.

Pausa. As personagens tomam um gole de suas bebidas preferidas, que correspondem às dos seus respectivos ratos.

BRUNO: Marcela, qual é a tua primeira memória?

MARCELA (*pensativa*): A primeira coisa de que me lembro de mim é eu falando corretamente a palavra “grito”. Minha mãe contava-me que demorei muito a falar o “r” tremido. Eu era uma menina teimosa, desobediente, que gritava muito. E tu, Igor?

IGOR: Não sei se recordo bem... Mas creio que foi a primeira vez que fui a um zoológico.

BRUNO: E viste acaso algum rato lá?

IGOR: Como posso saber, Bruno? Não me lembro... Creio que não. Não há ratos em zoológicos: não são chamativos o suficiente para serem expostos e admirados.

BRUNO: Tu te equivocas.

IGOR: Pensas serem chamativos o suficiente?

BRUNO: Não. Na verdade, há biotérios escondidos em zoológicos. Os ratos são criados para servirem de alimento a animais maiores.

MARCELA: Que horror!

IGOR: Qual é a tua primeira memória, Bruno?

BRUNO: O dia em que insultei minha mãe com um termo feio. Levei muitas palmas, mas não foram como os aplausos que uma plateia dá. Foram desumanas.

IGOR: Que termo proferiste contra tua mãe?

MARCELA: Oh! Não digas, Bruno. Poupa-nos.

BRUNO: Chamei-a de rata.

Breve silêncio. Todos permanecem sentados. A velocidade das falas é levemente acelerada, como se impacientes fossem, e os personagens olham diretamente para o público.

MARCELA: Ratos não têm memória.

BRUNO: Ratos não têm memória.

IGOR: Ratos não têm memória.

MARCELA, BRUNO e IGOR: Ratos não têm memória.

IGOR: Nós humanos pensamos que não há outra espécie animal com memória, ou memórias. Assim, justificamos os maus tratos, as castrações e os biotérios que fazemos aos bichos.

MARCELA: Ao longo da história humana, fizemos maus tratos, castrações e biotérios também a seres humanos... E os justificamos com o argumento de que as memórias dos escravizados, dos eunucos, dos judeus e dos homossexuais eram tão relevantes quanto as de simples ratos.

BRUNO: Se agora somos gente, é porque a trama da peça no-lo permite.

IGOR: Se a trama fosse outra, seríamos uma raça à parte, e estaríamos, possivelmente, atrás das grades. Não as grades de uma cadeia, mas as de um zoológico, no qual todos os humanos “verdadeiros” passariam para ver o tido como curioso e exótico.

MARCELA: Se agora somos gente, é porque já fomos ratos.

Pausa. As personagens tomam outro gole de suas bebidas prediletas. A velocidade das falas volta ao normal. O sentido de seus olhares alterna entre si e o público.

IGOR: Depois de nossa primeira memória, outras vêm e muitas vão. Esquecemo-nos da maioria de nossas vidas e, da vida de que nos lembramos, recordamos só uma pequena fração dos fatos. Por isso, murmuramos, de vez em quando, que o tempo passa rápido.

MARCELA: Mas, oh! Que mundo cruel! Se o tempo é, para nós humanos, um instante, que é ele para um rato?

BRUNO: Quanto tempo vive um rato, Marcela?

MARCELA: Três anos e meio, nos locais em que há um bom Índice de Desenvolvimento Murídeo (IDM). Imagina, Bruno, o quão infeliz deve ser contar com tão somente três ou quatro anos neste mundo para, em tão breve existência, sugar o leite materno, crescer, fazer-se letrado e cumprir a missão do Criador de se multiplicar!

IGOR: Por esse mesmo motivo, a maioria dos ratos suprime algumas dessas fases. A fase de letramento, por exemplo, é uma das mais negligenciadas, ou censuradas.

BRUNO: Sim, Igor, mas, por sorte, sempre há exceções, como este caro público de ratos que nos assiste.

MARCELA (*para a plateia*): Obrigada a todas e todos!

IGOR: A fase de multiplicação é, para os ratos, a mais imprescindível. Para nós, humanos, é atualmente a de menor importância. Basta observar nós três, por exemplo: eu nunca acasalei; Bruno sempre o faz, mas com preservativo; Marcela copula de vez em quando, com outra mulher. Estamos muito distantes de ter prole. Ao menos, prole biológica.

BRUNO: Bem argumentado, Igor. Quisera saber agora se alguém tem algo mais a acrescentar, ou se já podemos voltar a ser ratos.

MARCELA (*após breve pausa*): Não tenho.

IGOR: Nem eu.

Nova pausa. Os atores tomam outro gole das bebidas. Já são roedores novamente.

CAFÉ: Chá, tenho uma pergunta para ti.

CHÁ: Diz-me, Café.

CAFÉ: Se é moralmente lícito mudar de gênero, por que não é permitido a um preto ser branco?

CHÁ: Café, isso é apropriação.

CAFÉ: Ah.

CERVEJA: És um idiota, Chá. Acaso não enxergas que a pergunta de nosso amigo é muito profunda e, portanto, exige também uma resposta à altura? Vê, meu amigo Chá, que o que perguntou Café é muito filosófico. Pois devemos lembrar a nós, e ao público, que aqui sobre este palco estão três ratos brancos; entretanto, nos bastidores, estão dois ratos brancos e um preto. O verdadeiro e falecido Café era preto: por esse motivo é que ele tinha esse nome. E, há poucos instantes atrás, nós, enquanto atores, fazíamos o papel de humanos. E não foste tu uma mulher, Chá? Não foste Marcela, tua feminista dona? E, sendo-a, não alteraste em nada tua voz, ou tua aparência. Apenas mudaste um pouco tua

idiossincrasia. E queres dizer agora que nosso amigo preto não pode se fazer branco, se ele assim o quiser? Não fizeste tu mesmo uma apropriação de gênero e de identidade, sob teus parâmetros?

CHÁ: Ora, Cerveja. Eu explicaria logo em seguida minha resposta dada à pergunta de Café, se eu não tivesse sido interrompido por ti. Mas, não te preocupes em pedir-me desculpas: presumo que estás alcoolizado, como de costume, o que te redime. Meu caro companheiro Café: devemos ser o que somos. Os humanos que mudam de gênero o fazem para viverem quem são de fato. Tu és preto, sê preto. Bem, refiro-me ao Café falecido. Ele era preto, era-o verdadeiramente. Tu mesmo és branco, Café, mas aqui és um personagem preto. No teatro, é-se o que diz o roteiro, e nada mais. E o que permite um pouco de improvisação.

Tempo de silêncio. Os ratos levantam-se e posicionam-se no mesmo lugar em que fizeram os cumprimentos iniciais ao público, ao qual se dirigem.

CAFÉ: Falaremos agora de ratos pretos e ratos brancos.

CHÁ: Para isso, vamos encenar um pequeno diálogo entre uma rata preta e um rato branco.

CERVEJA: Café será a rata preta, e Chá será o rato branco. Eu serei o narrador.

Cerveja permanece em seu posto. Café vai ao centro do palco e senta-se no chão com as pernas abertas e de costas para o público. Chá se desloca para o outro canto do palco.

CERVEJA: Em certo lusco-fusco, encontraram-se dois roedores, uma rata preta e um rato branco. A primeira era uma criatura da noite, e o segundo era um ser do dia.

Chá caminha até Café.

CHÁ (*nunca olhando diretamente para Café, até o fim da encenação*): Boa noite, criatura da noite! Quem tu és?

CAFÉ (*sempre sentado e de costas para o público, até o fim da encenação*): Boa noite, ser do dia. Antes fui Pedro, hoje sou Maria. E tu, quem és?

CHÁ: Antes fui João à toa, hoje sou Dr. J. Rodrigues Pessoa. Que te faz criatura da noite?

CAFÉ: O que me faz criatura da noite é a noite, com seus silêncios e barulhos. À noite os humanos se deitam — com outros humanos ou sós. Então trabalho, enquanto dormem ou se distraem. Já estão fatigados de trabalhar em fábricas, em escolas, em lojas. E, se são também criaturas da noite, como eu, não estão em casa, quando têm casa, mas nas ruas — e a companhia deles, neste caso, não me é letal. Então, começo vasculhando lixo. Procuo

comida em caçambas, em latas, em bueiros. De vez em quando, acho humanos em meio ao lixo. De novo, são-me apenas companhia. Que te faz ser do dia?

CHÁ: Faz-me ser do dia a dramaturgia, também chamada de política. Ratos são naturalmente noturnos; um rato diurno é antinatural, e a dramaturgia é antinatural. Não que eu goste da luz, mas como eu poderia ler e escrever no escuro? Os pontos de luz que a noite oferece são aqueles em que os humanos habitam ou transitam — os humanos que não servem de companhia, pois têm sapatos de sola resistente nos pés. São os humanos das fábricas, escolas e lojas e que, normalmente, não gostam de congressos ou teatros, ou que não têm tempo para isso. Mas não escrevo para homens e mulheres, senão para ratos. Letrados. Este é o meu ofício: escrever. E também atuo, pois nenhum rato sobrevive apenas do que escreve. O que fazes durante o dia, Maria?

CAFÉ: Durante o dia, durmo. E quando durmo, volto a ser Pedro, pois todos são bebês enquanto dormem. E durante a noite, Dr. J. Rodrigues Pessoa, que fazes?

CHÁ: Escondo-me para não ser visto, para não ser confundido com uma criatura da noite. Então, refugio-me em casa. E como minha casa é o subterrâneo suburbano, é por lá que fico, e é para lá que vou, pois o lusco-fusco já mata o Sol, e o anoitecer já pare a Lua. E as dores desse parto são-me a sirene que anuncia o fim do expediente. E parto, agora, em paz, para ocultar-me sob o teto das calçadas mal iluminadas sobre as quais ganhas o pão de cada noite.

CAFÉ: Adeus, Dr. J.

CHÁ: Adeus, Maria.

Café levanta-se, ainda de costas para o público. No lugar onde ele estava sentado, senta-se Chá, que se vira de costas para a plateia. Então, Café caminha até o canto onde Chá estava no princípio da encenação, ficando de frente para o público.

CERVEJA: Diálogos como esse acontecem todos os dias, mas apenas uma vez na vida. Vidas murídeas são curtas, e um dia é muito mais longo que uma vida, mesmo um pequeno dia, mesmo uma longa vida.

Os ratos voltam a sentar-se à mesa, nas posições de antes.

CAFÉ: Queridos amigos, onde morais?

CERVEJA: Todos os ratos moram no entrelugar. É lá que moramos.

CAFÉ: Não creio que eu more no entrelugar. Minha terra é o sem lugar.

CHÁ: É verdade, caro Café. Mas isso porque, além de rato, és sertanejo.

Bebem novos goles. A partir de agora, alguns sinais de embriaguez já podem ser percebidos em Café, pois a cachaça tem um grande teor alcoólico.

CAFÉ (*debruçando-se na mesa*): Diz-se que humanos não têm memória.

CHÁ: De fato, não têm. Talvez, por acharem suas vidas longas demais. Nós, ratos, temos consciência da brevidade das coisas. Por isso, sabemos da importância de se memorizar. Observai a fase de letramento, por exemplo: os “doutores” humanos, até se dizerem “doutores”, passam uns vinte anos de suas vidas estudando. Não temos todo esse tempo. Isso daria umas sete reencarnações, para nós.

CAFÉ: Não gosto de ler...

CERVEJA (*entristecendo-se*): Mas Café gostava... Nosso verdadeiro amigo Café... Rainer Maria Rilke era sua paixão. Lia poesia todos os dias. Na prosa, era Aluísio Azevedo.

CAFÉ: Vós não me considerais amigo, por eu não gostar de ler...

CHÁ: Café, estás bêbado?

Café não responde, e olha Chá com indiferença.

CHÁ: Café faz falta. Morreu recentemente. Deveríamos fazer um minuto de silêncio ao companheiro Café, *in memoriam*.

CERVEJA: Acho muito conveniente, Chá. Silenciemo-nos.

Durante o minuto de silêncio, Café, que estava debruçado sobre a mesa, acaba adormecendo.

CHÁ: Foi uma bonita e singela homenagem.

CERVEJA: Sim.

CHÁ: Não achas também, Café? Café?

Chá e Cerveja levantam-se e percebem que o amigo está dormindo, embriagado.

CERVEJA: Café já está em sono profundo, Chá. A bebida tolheu sua consciência, assim como o racismo tolheu a vida de nosso saudoso Café.

CHÁ: Cerveja, que drama cômico... Nosso ator morre enquanto prestamos pêsames ao nosso colega roteirista. O que o público está a pensar de nós?

CERVEJA: Ratos se entendem, Chá. Se nosso público fosse humano, seríamos vaiados. A esta altura do espetáculo, o povo teria berrado que somos todos uns preconceituosos, uns racistas, uns sexistas e outras coisas mais. Mas, como somos todos uns ratos, fazemo-nos por entendidos.

CHÁ: Tens razão. Querido público, agradeço a compreensão de todas e todos.

CERVEJA: Saudoso Café... Quem foge da morte, costuma encontrá-la...

CHÁ: Não creio que Café tenha fugido da morte. Antes, fugiu da vida. E, infelizmente, teve êxito.

CERVEJA: Oh, meu amigo Chá... Café não se suicidou... Não pode ter se suicidado. Antes, suicidaram-no. E, depois, sua morte suicidou a nós dois.

CHÁ: Contigo está a verdade, companheiro Cerveja. Café, não o que morreu, mas o que agora dorme, é o único que continua vivo, dentre nós três. Isso porque ele não chegou a conhecer o ser que hoje representa. Café, não o que agora dorme, mas o que morreu, era encantador... Tão deprimido, é verdade... O racismo tirava-lhe a alegria de outrora. Porém, tão poético e tão...

CERVEJA: Humano...

CHÁ: Sim, Cerveja! Creio que é essa a palavra. Humano! Ele era um rato humano, um rato preocupado com os ratos que governam os países dos humanos, com a miséria das gentes humanas, com os silêncios dos humanos excluídos e dos tiranos desumanos... Por isso, em pouco tempo, foi também excluído. Foi também silenciado.

CERVEJA: Se tivesse nascido humano, já estaria sendo beatificado!

CHÁ: Ele pode não ter nascido humano, mas morreu humano. Isso, sim! Morreu humano. De fato, a apoteose entre os ratos é esta: tornar-se humano. Quanta falta ele faz...

Breve silêncio.

CERVEJA: E que é a apoteose para os humanos? Tornar-se santo?

CHÁ: Ah, nada disso, querido Cerveja...

CERVEJA: Tornar-se rato?

CHÁ: Quase isso, companheiro... É tornar-se rico.

Silenciosamente, Chá e Cerveja se sentam.

CERVEJA: Que faremos enquanto Café não se levanta?

CHÁ: Não sei... Que é bom para a ressaca?

CERVEJA: Café?

CHÁ: Sim, bem lembrado. Mas não temos café. Nem água. Só temos queijo e bebidas alcoólicas: cachaça, vinho, cerveja. Também temos esta mesa e estas três cadeiras.

CERVEJA: E esta faca.

CHÁ: Esta faca? Estás sugerindo alguma coisa, Cerveja?

CERVEJA: Não, companheiro Chá. Eu jamais poderia ferir alguém. Mas temos a faca, e achei prudente incluí-la na lista das coisas que possuímos. Afinal, ratos e humanos

civilizados não usam facas para o crime, mas para a culinária. E aqui estamos nós, servindo-nos de queijo, cortando-o com uma faca.

CHÁ: Tens razão, Cerveja. A maioria de nós ratos come queijo diretamente com as patas e os dentes, mas isso não pode ser considerado um desvio de etiqueta ou um sinal de involução, mas uma manifestação legítima da cultura popular. Tampouco podemos considerar-nos mais eruditos e evoluídos por usarmos talheres, mas apenas mais...

CERVEJA: Humanos?

CHÁ: Não. Apenas mais higiênicos.

Café começa a se despertar.

CHÁ: Café, meu querido amigo! Estás te sentindo melhor?

CAFÉ: Não. Nem um pouco.

CHÁ: És tão chato, Café! Para de aborrecimentos e vem comer um pouco de queijo conosco.

Os ratos se servem de queijo.

CERVEJA: Podemos voltar à peça agora?

CAFÉ: Não sei se consigo...

CHÁ: Voltar? Mas não saímos da peça hora nenhuma, Cerveja! Tudo isto está no roteiro. Acaso não te recordas de que Café não está verdadeiramente embriagado, senão apenas encenando? E que nós estamos dizendo não o que pensamos, mas o que memorizamos para entreter a plateia de ratos que nos assiste? Quando é que alguém poderia se embebedar e se recuperar em tão pouco tempo senão num teatro?

CAFÉ: Posso não estar verdadeiramente embriagado ou de ressaca, mas estou realmente triste e indisposto.

CERVEJA: Por quê?

CAFÉ: Sinto-me inseguro com o meu papel. Estou representando um morto. Não é macabro?

CHÁ: Não, Café. É trágico, mas não macabro.

CERVEJA: Acho até um pouco cômico, na verdade.

CHÁ: Cômico? Mais respeito à alma de nosso falecido companheiro, Cerveja.

Breve silêncio.

CAFÉ: Será mesmo que os ratos têm alma?

CHÁ (*gaguejando, sem saber a resposta certa para a pergunta*): Bem... Eu...

CERVEJA: É claro que temos alma. Se os humanos têm alma, por que nós não teríamos? Dizem que tanto os humanos letrados quanto os iletrados têm alma. Isso nos dias hodiernos, é claro. Penso que conosco é a mesma coisa.

CAFÉ: Não sei... Ao menos, acho que os humanos não pensam assim. Se cressem que temos alma, eles não fariam ratoeiras nem nos colocariam em gaiolas.

CERVEJA: Ah, não digas bobagens, Café! Os humanos vivem fazendo armadilhas e gaiolas também uns para os outros!

CAFÉ: É verdade. Uma coisa não impede a outra.

Breve silêncio.

CHÁ: Se realmente temos alma, deveríamos fazer uma oração para a alma de Café?

CAFÉ: Para a minha alma? Estou realmente triste, mas não precisais vos preocupar tanto com isso.

CHÁ: Oh! Acaso ainda estás bêbado, Café? É claro que não falo de ti, mas de nosso falecido companheiro homônimo.

CAFÉ (*envergonhado*): Perdão...

CERVEJA: Mas não sabemos orar. Ratos não costumam orar.

CHÁ: Deveríamos pedir a nossos donos humanos que fizessem uma prece em favor da alma de Café?

CERVEJA: É uma via possível. Mas não podemos fazer isso agora, pois somos apenas três. Três atores! É fisicamente impossível encenarmos nós mesmos e os nossos donos ao mesmo tempo.

CHÁ: Tens razão. Deixemos a oração para outro dia, então.

CERVEJA: Sim. Mas façamos o que sabemos bem. Nós, como ratos letrados, podemos filosofar sobre Café. Em que plano da existência ele agora estará? Será que ele nos escuta? Haverá um céu para ratos?

CHÁ: Companheiro Cerveja, não há céu para ratos, apenas para humanos. Nunca ouviste falar na Grande Roda? Ela, sim, é a nossa sina. Enquanto vivos, passamos boa parte das nossas vidas girando em rodas domésticas. Pois quando morremos também fazemos o mesmo, mas na Grande Roda, até nos encarnarmos de novo como ratos, num ciclo sem fim. O lado ruim deste processo é que não se preserva a nossa memória, e temos de aprender tudo outra vez, do zero. Um verdadeiro empecilho ao progresso da nossa espécie, já que contamos com um tempo de vida tão curto...

CAFÉ: O que nos difere, então, dos humanos, fora a parte metafísica?

Todos entreolham-se.

CHÁ: A quantidade de pelos e a esperança de vida.

Os ratos voltam para as posições que ocupavam no início da peça, no canto esquerdo do palco.

CERVEJA: Os senhores devem estar se perguntando como morreu nosso companheiro Café, afinal.

CHÁ: Os senhores e as senhoras...

CAFÉ: A verdade é que pouco importa como Café morreu.

CERVEJA: Já faz cerca de um mês da sua morte. E parece que foi ontem!

CHÁ: Mas, com um pouco de sorte, pode ser que ele já esteja no meio de nós, mais uma vez.

CERVEJA: Se alguma rata aqui presente se acasalou nesse meio-tempo e deu à luz uma ninhada, quiçá Café esteja vivo! Com outro nome, quem sabe: Saquê, Vinho, Leite...

CAFÉ: Ou mesmo Café, num coincidente bis!

CHÁ: E, talvez, também com outra cor... Fato é que um dia ele renascerá, se ainda não renasceu. Por isso, pedimos encarecidamente a todos os pais e a todas as mães aqui presentes: continuai a letrar os vossos filhos. E filhas. Eles e elas são o futuro, e também o passado, da nossa espécie!

CAFÉ: Nascemos todos ratos, é verdade, e isso não podemos mudar. Porém, procuremos morrer humanos. Assim como o Café morreu!

Breve pausa.

CERVEJA: Estimado público, agradecemos a atenção de todos.

CHÁ: Agradecemos a atenção de todos... e todas!

Os ratos curvam-se para a plateia, em sinal de agradecimento. Depois, saem pela coxia esquerda. A peça é finda.

Submetido em: 01 set. 2022

Aprovado em: 20 out. 2022